



## **Entre decadência e afirmação. Uma autópsia da Lisboa oitocentista em “Patologia Social” de Abel Botelho**

*Between decadence and affirmation. An postmortem of the Lisbon eighteenth century in “Patologia Social” by Abel Botelho*



El Hadji Omar Thiam  
Universidade Cheikh Anta Diop - Senegal  
Dakar, Senegal  
omarthiam5@yahoo.fr

### RESUMO

Abel Botelho, escreveu um conjunto de cinco romances naturalistas, incluindo *Patologia Social*. Nas suas obras, a cidade de Lisboa é representada através dos seus aspectos sociais, históricos e políticos. Nesse sentido, este artigo analisa as descrições da cidade de Lisboa, enfatizando seus aspectos decadentes revelados pelas caminhadas noturnas de Elvira, Mário e Isabel, personagens do *O Barão de Lavos*, *O Livro de Alda* e *Fatal dilema*. Em seguida, focará nos aspectos inovadores ou nas formas afirmativas dos personagens tirados em uma avenida chamada Avenida.

**Palavras-chave:** Naturalismo, Decadência, Lisboa

### ABSTRACT

Abel Botelho wrote a set of five naturalistic novels, among them *Patologia Social*. In his works, the city of Lisbon is represented through its social, historical, and political aspects. In that sense, this article analyses the descriptions of the city of Lisbon by emphasizing its decadent aspects revealed through the nocturnal walks of Elvira, Mário and Isabel, who are characters from *O barão de Lavos*, *O Livro de Alda*, *Fatal dilema*. Then, he will focus on the innovative aspects or the affirmative forms of the characters taken in a boulevard called Avenida.

**Keywords:** Naturalism; Decadence; Lisbon

## 1. INTRODUÇÃO

Abel Botelho nasceu a 23 de setembro de 1853 em Vila Tabuaço na Beira Alta. Assistiu ao fim da Monarquia e à implantação da República. Aderiu à República, tendo sido sucessivamente deputado às Constituintes pelo Círculo de Chaves e senador. Exerceu sucessivamente os cargos de coronel no exército português, inspetor das Belas-Artes em outubro de 1910, membro da Comissão encarregada de escrever o hino nacional em 1910, embaixador em Buenos Aires, a capital argentina, onde faleceu a 24 de abril de 1917. Romancista, dramaturgo, cronista, poeta, militar, político (deputado e senador) e diplomata, ele foi, em suma, um homem dos sete ofícios. Ganhou uma enorme fama com a publicação de cinco romances sob o título genérico de *Patologia Social* (*O barão de Lavos*, 1898; *O Livro de Alda*, 1898; *Amanhã*, 1901; *Fatal dilema*, 1907; *Próspero Fortuna*, 1909).

*O Barão de Lavos* foca o casamento sem amor de Sebastião, um fidalgo herdeiro da ilustre família dos Castro e Noronha, com uma mulher burguesa envenenada por leituras de aventuras românticas. O barão sofre graves diáteses afetivas que o transformam em homossexual. Para satisfazer os seus desejos mórbidos, ele liga-se a Eugénio, um efebo transexual e oportunista. A sua relação afasta-o da esposa, que, por sua vez, acaba por cair no adultério com o mesmo Eugénio. Os acontecimentos dramáticos decorrem numa Lisboa finissecular e conduzem o barão à morte num passeio público, e Elvira à irreversível degradação psico-fisiológica.

*O Livro de Alda* conta a história de um rapaz burguês, Mário, que abandona a sua noiva, Branca, para uma prostituta, Alda. A força da atração física desta mulher de vida afasta-o definitivamente do projeto de casamento. O rapaz entrega-se todo à obsedante e acaba por sofrer desequilíbrios moral e orgânico. Quanto a Branca, morre de desgostos íntimos. Em desespero, depois de receber a notícia da morte, Mário tenta suicidar-se, mas é impedido por um amigo.

Em *Amanhã*, Abel Botelho coloca o operariado lisboeta num processo evolutivo caracterizado por lutas sindicalistas contra o capital. A história contada decorre ao longo de sete meses, entre novembro de 1894 e junho de 1895. A personagem de Mateus lidera a contestação proletária contra a aristocracia decadente, corrupta e minada por desvios morais. Filho de grande proprietário do Alto Douro, ele é anarquista apaixonado por livros de Kropotkine, Bakounine, e admirador de José Fontana e da Internacional. Após séries de greves, o militante anarquista que prometeu revolução aos operários fracassou por causa da pressão da Adriana, mulher aristocrata, que o ama e o impede dar o sinal do ataque. Ele suicida-se com os explosivos que preparara para o grande dia, o amanhã messiânico.

*Fatal dilema* conta a história de uma família aristocrática de Lisboa minada pelo adultério feminino. O trio dramático é representado por Eusébio Garcia Penalva, a sua mulher, D. Isabel, e um sedutor, Hector. Ainda está presente Susana, filha do casal. Casando velho, aos cinquenta anos, com um jovem de quinze, Isabel, Eusébio encontra-se comprometido pela doença na satisfação das necessidades fisiológicas da mulher. Esta, histérica, liga-se a Hector e mergulha no adultério. Depois da morte do velho, continua a perniciosa relação com o sedutor, causando assim o desalento trágico de Susana.

*Próspero Fortuna* examina o caso do oportunista político do mesmo nome. Envenenado pela vontade de ascender a cargos políticos, ele sacrifica a sua dignidade e a integridade da sua família. Casados em Régua, vão para Lisboa, a fim de ele tentar a política. Próspero entra em contato com velhos traidores e, assim, vai subindo as posições de mando (diretor, deputado, ministro), que satisfazem a sua débil organização moral e a sua desmedida paixão pela autoridade. Enquanto sobe, vai-se entregando a todos os vícios de Lisboa e da política. A sua mulher, Maria Luísa, insatisfeita, acaba por mergulhar no adultério com Matias Picão e com outros. A ascensão política de Próspero Fortuna causa o drama moral da sua família.

Nos romances acima resumidos, podemos notar que a cidade de Lisboa é o espaço onde se desenrolam as intrigas. A nossa reflexão versa sobre este espaço detalhadamente descrito e ocupado por personagens de classes sociais e interesses diferentes. De acordo com a estética naturalista, Abel Botelho privilegia nos romances acima referidos o estudo das relações sociais, apontando o fator meio como determinante na construção da personalidade. Pois a localização precisa das personagens no espaço lisboeta é uma das características naturalistas de relevo. Aqui, a Lisboa autopsiada levanta duas questões: a da decadência e a da regeneração. Por um lado, os aspectos decadentistas a desvendar são visíveis nos passeios noturnos pela Baixa, Rossio e Campolide, de Elvira, Mário e Isabel, personagens respectivas de *O Barão de Lavos*, *O Livro de Alda* e *Fatal dilema*. Por outro lado, os aspectos renovadores em questão aparecem através das referências à Avenida de Lisboa para onde convergem operários e militantes antimonárquicos no objetivo de soltar um grito de regeneração em tempo de profunda crise tanto nacional (o desencanto nascido do Ultimato britânico em 1890) como europeu (a subida das ideias republicanas e socialistas).

## 2. METODOLOGIA

A metodologia que pomos em prática consiste em tratar o espaço lisboeta conforme o pressuposto de A. J. Greimas (1966, p. 121-123) que encara o espaço fictício como objeto de conhecimentos sócio históricos. Assim analisamos fragmentos descritivos tirados dos romances referidos relacionando-os com acontecimentos narrativos e históricos. Em outras palavras, os lugares descritos com os seus símbolos e monumentos associados às ações das personagens permitem pôr em relevo em primeiro lugar a decadência e a afirmação em segundo lugar.

## 3. DESENVOLVIMENTO

### 3.1 A Lisboa decadente

A Lisboa finissecular ocupa um lugar importante nos romances da série *Patologia Social*. Conforme a linha ideológica do naturalismo que sujeita o Homem a três princípios, a raça, o meio e o momento, Abel Botelho analisa a decadência das suas personagens situando-as numa Lisboa galante e triste. Antes de mais, é de notar que o escritor naturalista Fialho de Almeida tinha apontado, antes da publicação de *Patologia Social*, aspectos decadentistas de Lisboa:

Na minha ausência, Lisboa mudara. Alguns daqueles grandes palácios de famílias extintas ou arruinadas tinham-se desmoronado pelas encostas sobranceiras ao rio, cansados de esperar que os restaurassem, e tristes no abandono dos seus salões sem tectos nem pavimento, onde no mármore das chaminés, por vezes, escudos de armas cinzelavam as últimas elegias de uma era de cavaleiros. Ardendo numa febre de grandezas, Lisboa sentira a necessidade de outras ruas, outros estilos, outros interiores: alguma coisa coerente com os ideais, os hábitos e os trabalhos da sua vida moderna. E ei-la transbordando dos acumulados lúgubres dos velhos bairros, Alfama, Mouraria, Estrela, partindo a cintura de muralhas num charivari de construções podres de chique; fazendo dos arrabaldes, centros; trepando aos outeiros, ou alastrando-se como um acampamento nómada, à beira do rio. (1994, p. 15-16).

Aqui, Fialho de Almeida descreve, com o seu usual modo satírico, uma Lisboa antiga em estado de decadência avançada. A ruína ameaça tanto os palácios aristocráticos, testemunhas de grandeza de tempo remoto como os bairros pobres donde germina a ideia de uma Lisboa nova com infraestruturas modernas. Esta germinação contrasta com a Lisboa, fidalga e burguesa, decadente.

Além disso, outros aspectos decadentistas podem ser notados ao referirmo-nos a passeios noturnos pela capital oitocentista de certas personagens de Abel Botelho. Por exemplo, em *O Barão de Lavos*, o narrador apresenta um quadro descritivo tendo como pretexto uma saída noturna da baronesa, uma mulher de salão atormentada pelo ambiente festivo do Rossio:

Entretanto a baronesa, apressada, atravessara o Largo de São Cristovão, descera as Escadinhas, depois a Calçada do Caldas, marginara a praça da Figueira, e logo entrava no Rossio. Ia num passo miúdo e breve, olhando sempre na frente, escoando-se, cortando por longe as faixas de luz dos lampiões e das montras, com receio de ser conhecida. Amiudadas vezes o polegar e o indicador direito subiam a puxar o véu bem até junto ao queixo. Ia sem saber para onde, exaltada, entontecida. E o rumor, o bulício do centro da cidade àquela hora ruidosa passava-lhe na retina e soava-lhe no cérebro confusa, tumultuariamente – como de bordo de uma lancha, no mar revoltado – dançando. [...] Mal apontou no Rossio, a largueza do espaço, a abundância da luz, o arpejo da aragem perfumada que vinha do Passeio, trouxeram-na à realidade, fizeram-lhe o efeito de um fresco nas fontes, acordaram-na do seu sonambulismo. Estava em plena Baixa, à hora do movimento burguês, surpreendendo ao máximo de intensidade a animação pacata desse mundo de amanuenses e caixeiros. Davam no Carmo oito horas. Ao longo da grande praça, cortando-lhe o mosaico sinuosa do, formando-lhe o claro-escuro, formigando-lhe na penumbra, moviam-se dezenas de grupos de todos os feitos, idades, condições. (Botelho, 1979, p. 123-124, Vol. I).

Além do uso de informantes<sup>1</sup> espaciais (Largo de São Cristóvão, Calçada do Caldas, a praça da Figueira, Rossio, Passeio, Baixa, Carmo) que servem para enraizar a descrição no real, o narrador mostra descoberta brutal do exterior de Elvira, mulher afastada da realidade e educada na leitura de narrativas românticas, narrativas que se adequam com os aspectos românticos, burgueses e fidalgos, da capital. A baronesa passa as suas horas de lazer deambulando alegremente pelo Passeio Público do Rossio, alindado ao gosto burguês da época (lâmpioes, montras) e abalado pelo paroxismo da animação. Duas contradições habitam a baronesa: uma psicológica e outra social. Psicologicamente a burguesa ficou aterrada ao descobrir ao vivo a vida viciosa da capital. Esta descoberta suscita nela o desejo de romper com a sua existência monótona sem satisfação sexual ao lado do barão pederasta que, «entre uma mulher bonita e um efebo atraente, não hesitava. Procurava sempre e acima de tudo a linha, a forma, a beleza emocional aparente, quer fosse num seio virgem, quer num músculo bem fibrinado» (Botelho, 1979, p. 29, Vol. I). Mil interrogações perturbadoras bolham no espírito da mulher e a tiram da sua nuvem de abstrações e sensações vadias. O facto de ela ver a Lisboa noturna de perto pela primeira vez acende a fria noite do seu abandono ao calor das massas e anuncia-lhe o encontro de prazer com Eugénio: «Por fim, a baronesa cedeu, vencida do simpatismo sensual, prostrada de fadiga. O efebo alcançara-a novamente e adstringia-a contra o peito num abraço fervido. [...] Elvira abandonou-se...» (Botelho, 1979, p. 222, Vol. I). Socialmente a baronesa descobre novas camadas que via de alto. Isso pode ser entendido como uma forma de rebaixamento da burguesia na medida em que Elvira tem em comum o sofrimento com as outras classes.

O ambiente noturno no Rossio é também descrito detalhadamente em *O Livro de Alda*. O narrador-personagem Mário aproveita o Carnaval para pintar o seguinte quadro:

Naquela noite, porém, a despeito da minha osca instintiva ao Carnaval, e da capela branca de visões que me aqueciam o coração e festoavam o espírito, eu não pude furtar-me a considerar que, na medida que se aproximava da Baixa, o ruído e a animação cresciam. Agora mui distintamente o meu ouvido apreendia e destrincava, do empaste do conjunto, batucques bárbaros, cornamusas de barro, um cascalhar de latas, pragas, canções, fanfurrias, estrupidos de trens, aravias em falsete. [...] No Rossio andava-se com dificuldade. A grande cinta de gás do teatro ao castigo do vento, dançava sobre o remoinho das cabeças tarantulas de fogo. [...] O borborinho, o aperto e a confusão eram enormes. Não víamos senão o nariz uns dos outros, mais se podia avançar, respirava-se com dificuldade. (Botelho, 1927, p. 14-15).

Aqui, na descrição do Rossio, há a notar a insistência na animação vibrante, na intensa luminosidade da atmosfera, cor de fogo, e no acre cheiro animal. Esta confusão do ambiente noturno no qual Mário encontra pela primeira vez a prostituta Alda, origina uma confusão psicológica no rapaz. Por outras palavras, a mulher de prazer envenenou-lhe o coração e o espírito a tal ponto que se afastou do seu projeto de casamento com Branca. O apetite sexual insaciável de Alda destruiu o corpo do burguês: «Sentia [Mário] um não sei quê de áspero e fatal pesando-me no corpo e na alma, travando-me o destino» (Botelho, 1927, p. 21).

Ainda em *O Livro de Alda*, o narrador Mário descreve a casa da sua noiva Branca que forma esquina à Rua de Buenos Aires e Travessa do Moinho de Vento. O exame prolongado do universo que cerca a habitação dá ao leitor conhecimento de sítios históricos de relevo:

Seria difícil imaginar e procurar; cidade a dentro, uma habitação mais repousada e isenta, tão como esta convidativa à meditação e ao vago alhear da ideia, e cujas condições de situação e isolamento mais alto nos erguessem o espírito as aladas regiões do sonho e do mistério. [...] Queria refazer-me na contemplação do magnífico panorama [...] nem nunca eu tinha reparado bem...Nem decerto, por mais que alguém procurasse, seria fácil achar em todo Portugal, em todo o mundo! Um palmo de terra mais desafogado e mais livre, um refúgio mais do que este próprio ao inalterável culto da castidade e da virtude. [...] avultava a grande sensoria monástica das Necessidades; mais à direita, confuso com

<sup>1</sup> L'informant (par exemple, le nom d'un personnage ou d'un espace, l'âge précis d'un personnage) sert à authentifier la réalité du référent, à enraciner la fiction dans le réel : c'est un opérateur réaliste.

o céu na mesma agonia de tinta esbranquiçada, o Observatório; e já de longe, e lembrando algum ciclópico banco, de pernas ao ar, coava um morro a maciça acrópole da Ajuda... Em baixo, ao vale, havia floresta de zinco, tijolo e ferro das muitas fábricas, os fumos industriais, as longas pilhas de cantarias, madeiras, mato, [...] toda timorata e mesquinha na vizinhança dum monstro fuliginoso e redondo, a torre de Bélem entrando a buscar refúgio na gorda mansidão das águas. Depois, no Tejo, apreendia-se vagamente toda a áspera labuta do mar, a renda a prumo dos mastros, velas seguindo como asas [...] à vista se me alongava nesse claro azul sem fim, nesse espriamento sem termo e sem medida, o imenso e plácido esteiro ia ficando liso, limpo, brunido, e do seu brilho de espelho então rompiam a torre dos Jerónimos, o Bugio, S. Julião... (Botelho, 1927, p. 93-94).

Do interior da casa da Branca, o narrador aponta o ambiente ameno propício à elevação espiritual. Após o afastamento do projeto de casamento com Mário, a Branca dedica a sua existência à oração solitária. Pode-se entender a casa da rapariga como um lugar que participa na sua realização espiritual. Porém, a partir do interior da casa da Branca, Mário deita um olhar panorâmico sobre a cidade de Lisboa que se estende aos seus pés. Vários informantes são notáveis na descrição dos arredores da casa.

Em primeiro lugar, é de sublinhar os informantes de ordem religiosa: a capela monástica das Necessidades e a torre de Bélem. Historicamente, sob a invocação de Nossa Senhora das Necessidades se fundou a capela monástica ou o grande mosteiro dos Jerónimos por D. Manuel. Este dedicou o monumento aos frades jerónimos em 1498, um ano antes do regresso da expedição ao Oriente. Foi ali que Vasco da Gama e os seus audazes companheiros ouviram missa no dia da partida em busca de novas terras, e onde os mareantes, em trânsito pelo porto de Lisboa, se acolhiam para receber a assistência espiritual de que precisavam. Pois continua a ser associada ao monumento a finalidade comemorativa das façanhas náuticas nutridas pela fé, especialmente do descobrimento do caminho para a Índia. Quanto à torre de Belém, ergueu-se na praia do Restelo no primeiro quartel do século XIV em homenagem à santa Glória do Cristo, ou seja, à Lisboa cristã.

Relacionando estes dois informantes espaciais com o destino de Branca, pode-se dizer que o narrador sublinha implicitamente a influência da religião na rapariga, influência que leva ao triunfo das suas necessidades espirituais em detrimento das fisiológicas. Por uma janela da casa, o olhar da filha concentra-se nesses símbolos religiosos que consolam o seu espírito doentio. Pois o desequilíbrio psico fisiológico desta criatura associa-se a lugares simbólicos a que o narrador dá qualificativos decadentes: «monstro fuliginoso e redondo» (Botelho, 1927, p. 94).

Em segundo lugar, os informantes de ordem militar como o Observatório, o Bugio e S. Julião lembram vitórias de ilustres reis portugueses. O Bugio é um farol situado na barra do Tejo, sobre um rochedo. Foi mandado edificar por D. Sebastião, iniciando-se a construção em 1578. Este monumento é testemunha de grandeza de tempo remoto que contrasta com a decadência do burguês Mário. Quanto ao Observatório, foi uma junta de astrónomos encarregada em 1513, por D. Manuel, de recolher informações militares e planear expedições marítimas. Ele passou então a ser um serviço estratégico do Reino até à reforma pombalina em 1772. Por fim, S. Julião é um forte situado na margem direita do Tejo, junto da foz que marca o limite. Começou a ser construído no reinado de D. João III, para defesa do porto de Lisboa. Dali se comanda a entrada da barra, combinando o fogo da sua artilharia com o Bugio, colocado na sua dependência. No tempo de Pombal, S. Julião da Barra serviu de prisão. Ali estiveram no século XVII muitos padres jesuítas, aguardando os barcos que os levaram ao exílio. Durante as lutas liberais do início do século XIX serviu também de prisão e por ela passaram ilustres figuras políticas como João Batista da Silva e Gomes Freire de Andrade.

A presença destes informantes espaciais em relação a Mário pode ser percebida como uma forma de rebaixamento de um período glorioso, em geral, e como um sinal da decadência da ilustre família burguesa do jovem, em particular.

Em *Fatal dilema*, no capítulo II, a morte de Eusébio Garcia Penalva espalhou-se pela cidade de Lisboa em folhas de grande e pequena circulação. O narrador convoca o passado de felicidade aparente entre o velho Penalva e a sua esposa Isabel em que o espaço aristocrático anuncia a decadência:

De muito que mandava a existência dos dois ligada mui de perto, com uma vantagem que não poucos dissabores lhes carregavam, com uma supremacia e uma arte incontroversa, as

mais ostensivas demonstrações do fausto e de elegância. Uma festa “que marcasse” não se compreendia sem eles. Quase sempre, o grande baile anual dado pelos Penalvas no seu palacete barroco, a Campolide, era o mundo do sinal convencionado para a terminação da *season*. Seguiu, de ordinário, de perto a Páscoa, determinando logo a debandada do mundo elegante, que de Lisboa se dava então pressa em emigrar, com a mesma disciplinada presteza com que, pouco antes haviam chegado as andorinhas. (Botelho, 1979, p.24-25, vol. IV).

Neste trecho, o narrador nota um aparente entendimento do casal na ocasião do baile anual no palacete barroco em Campolide. Este lugar sumptuoso, símbolo da coesão e grandeza da família Penalva, passa a ser um lugar de adultério. Nele Isabel Penalva encontra o seu amante Hector no momento em que o marido era inutilizado pela velhice e pela doença. Portanto, a transfiguração do palacete é sinónimo de decadência da família fidalga dos Penalva. O marido, velho, acaba por morrer nas mãos da filha Susana. Esta sofrerá de desgosto depois de ter conhecimento da relação adúltera da mãe. Mergulhada em profunda crise histórica, Isabel acaba os seus dias sem a assistência do sedutor Hector.

Enquanto o palacete aristocrático dos Penalva vai arruinando outros lugares de Lisboa como a Avenida ganham importância cristalizando ondas de protestos e gritos de renovação.

### 3.2. A Lisboa renovadora

O contexto político marcado pela subida das ideias renovadoras teve eco nos romances do ciclo *Patologia Social*. Em *Amanhã*, Abel Botelho analisa as condições do operariado em luta pela justiça no trabalho industrial. Ao mesmo tempo começa a formar-se a ideia do progresso de ordem capitalista, associada ao rápido desenvolvimento das técnicas, principalmente dos transportes, ao grande aumento demográfico da capital e, conseqüentemente, à necessidade, cada vez maior, da expansão de Lisboa. O progresso está diretamente relacionado com o modelo concreto criado a partir das obras de Haussmann<sup>2</sup>, em Paris, e consiste em construir grandes eixos viários, higiénicos e monumentais, sobre o velho tecido orgânico da Lisboa medieval. Assim, a Avenida torna-se o símbolo do desenvolvimento e da afirmação contra a ordem monárquica e a capitalista.

No capítulo XIX, o narrador descreve o dia messiânico em que a multidão de operários de armas em punho defronta a aristocracia industrial. Várias cenas descritivas da onda colérica abundam no romance desenrolando-se todas na Avenida de Lisboa:

Às 7 da manhã, já era enorme a multidão que esfervilhando se acumulava de roda do obelisco, no extremo sul da Avenida. A partir daí tomava escalonadamente lugar, pela ampla artéria acima, os peões que deviam servir de pontos de reunião às diversas associações e grupos, segundo programa publicado nos jornais e procurando o seu número de ordem nas pequeninas tabuletas suspensas das árvores, desde a Praça dos Restauradores à Rua das Pretas.

[...] Mas nem só no vitorioso recinto da Avenida se concentrava naquele momento a emancipadora afirmação das classes de sujeição e de miséria. A sua reivindicadora expansão abrangia toda a cidade. [...] Entretanto, ao longo da rua central da Avenida enfileirava-se, basta e ruidosa também, uma outra sorte de multidão, o mesclado e insofrido montão dos curiosos. Predominava a baixa burguesia, o mundo pelintra dos serventuários do Estado, o parasitário bando de quantos trazem uma vida estéril, e entre todos eles doidas e impacientes, as mulheres. (Botelho, 1979, p. 462-463, vol. III).

Neste trecho, as classes de sujeição fazem da Avenida sua, para afirmar o desencanto, o ódio pela situação que as aliena. Desde já se torna a avenida «um espaço de reivindicações sociais e políticas» (Ferreira, 2003, p. 16-17). A nível social, a presença de camadas sociais com interesses diferentes mostra que a

<sup>2</sup> Em 1859, já Haussmann [que dirigiu o município de Paris entre 1853 e 1870] tinha arrasado meia Paris com as suas demolições e construído uma boa parte das suas grandes vias, no mesmo ano surgiu a primeira proposta à Câmara Municipal de Lisboa, sendo então presidente Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, datada de 03 de junho. Nela se refere que se mande estudar desde já a abertura de uma larga rua ou alameda, que partindo do fundo do Passeio Público, corte pela parte inferior ao Salitre e siga pelas terras de Vale do Pereiro até S. Sebastião da Pedreira, ramificando-se para o Campo Pequeno.



avenida é uma encruzilhada para grandes e pequenos, para favorecidos do Estado e desfavorecidos. A nível político, o arranque para o futuro nasceu não só dos modelos estrangeiros, mas também da consciência política das massas trabalhadoras. Estas se tornam inimigas do Estado. Daí a ideia de renovação política passa a ligar-se à Avenida.

Em *Próspero Fortuna*, a emancipadora onda de gente, explodindo ódios pelo governo monárquico, alastra pelas grandes cidades de Lisboa e Porto. Esta grande manifestação alimenta divergências, cisões, conflitos, que ameaçam o regime na sua íntima integridade e coesão:

A plausibilidade, a urgente necessidade, mesmo, de um movimento social neste sentido, ganhara mais ou menos todas as classes, inflamava os mais antitéticos espíritos de lés a lés, acendia pelo País os mais ardidos e puros entusiasmos por essa solução redentora e fecunda. Não era agora como nos inofensivos tempos de Sousa Brandão e José Elias Garcia, não era um mero ensaio teórico de doutrinação, de ponderada educação cívica; antes de se sentir avassaladoramente rugir uma atividade febril de propaganda. Na iluminada impulsão do seu idealismo, jornalistas, industriais, juriconsultos houve que, renegando o credo monárquico, dos grandes centros espontaneamente desertaram para fazer por esse País fora irradiar o clarão redentor da Boa Nova. Nas artérias das duas principais cidades, Lisboa e Porto, acentuavam-se e cresciam por uma forma prodigiosa as adesões a uma renovação francamente democrática, na governação e administração das coisas públicas. (Botelho, 1979, p. 400, vol. V).

Aqui, a comparação entre a situação política à beira da explosão de nervos e a situação vigente em tempo das figuras referenciais de Sousa Brandão e José Elias Garcia, merece uma atenção particular em relação à ideia de renovação democrática. Do seu verdadeiro nome Francisco Maria de Sousa Brandão<sup>3</sup> foi um dos primeiros a incorporar-se em 1875 nas fileiras do Partido republicano e desde logo passou a ser considerado como um dos seus membros mais queridos e respeitados, não só pelo seu passado de liberal, mas também pela firmeza das suas convicções. Desde então foi sempre escolhido para os principais cargos de direção do mesmo partido, sendo eleito para fazer parte do primeiro diretório que se constituiu em Lisboa num período em que a afirmação republicana era asfixiada pela ordem monárquica. Quanto a José Elias Garcia<sup>4</sup>, foi presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Fundou em 1854 o primeiro jornal republicano, intitulado *O Trabalho*. Em 1865, tornou-se redator principal do *Jornal de Lisboa*. Ele foi deputado pela primeira vez em setembro de 1870, quando tinha ainda o seu nome ligado ao partido reformista, que, por ser então o mais liberal, era o que convinha aos homens que compunham a guarda avançada da democracia.

Em suma, a recorrência a estas figuras mostra a relação entre elas e a cidade de Lisboa, por um lado, e o papel de precursor da renovação democrática desempenhado por elas num contexto sem oposição ofensiva, por outro lado. Em outras palavras, o narrador põe a cidade de Lisboa no centro da evolução democrática do país, apontando a longa marcha para a democracia, isto é, da fase de doutrinação à fase de tomada do poder político. A metáfora “o clarão redentor da Boa Nova” é sinónimo de triunfo da República e do seu programa de renovação política, administrativa e social.

Outra referência ligada à cidade de Lisboa no romance *O Livro de Aldaé* o fenómeno da prostituição que contrasta com a ordem antiga e moralista. Depois de uma cena de sexo com a prostituta Alda numa noite alta, a personagem-narrador Mário desculpa-a encarando a profissão dela como um fenómeno físico, automático e animal:

Em Lisboa exercem a prostituição regulamentada, mais as seis mil que se entregam à prostituição clandestina, bem os quatro quintos foram vítimas do egoísmo e perversão dos homens. Nestas condições. Que admira que a mulher se perca?... Tendo tentado em

3 Francisco Maria de Sousa Brandão nasceu na Mortuosa a 11 de maio de 1818 e morreu em Lisboa a 26 de maio de 1892. Concorreu com a sua pena e a sua palavra para a fundação das primeiras associações operárias em Lisboa e no Porto, tendo fundado com Vieira da Silva e Lopes de Mendonça, *O Eco do Operário*, o primeiro jornal socialista que se imprimiu em Portugal.

4 Oficial de Engenharia, político, propagandista e jornalista democrata, um dos fundadores da organização política republicana, José Elias Garcia veio à luz em Cacilhas a 31 de dezembro de 1830. Ele morreu em Lisboa a 21 de junho de 1891, pobre porque sacrificou tudo quanto tinha pelos seus trabalhos em proveito do seu partido, e para a sustentação da Democracia, jornal que ele fundara.

vão manter-se honesta, afinal prostitue-se, porque reconhece ser este o bom caminho prático a seguir. [...] Com efeito, é curioso de analisar o papel duplo da mulher neste mundo lisboeta, - o que a hipocrisia social lhe talha, e o que ela, revoltada e impulsiva, a si mesma se distribuem. Temos, a um lado, a mulher livre, esturdia, insolente, que zomba de abusões, refratária a preconceitos, tendo por única preocupação o domínio, o prazer, a seu bom talante desbaratando toda a fortuna e todo o amor dos homens; e, do outro, a mulher enfeudada à obrigação, escrava submissa do dever, tendo o meticuloso culto das convenções sociais, resignada e mansa arrastando uma existência crepuscular, toda abnegação e silêncio, ignorada, esquecida... A primeira dispõe da supremacia mundana, da riqueza, do poder, da evidência; a segunda apenas consegue... morrer de fome. Eu não só desculpo, mas compreendo e aplaudo a mulher livre. (Botelho, 1927, p. 253).

Na passagem acima citada, notam-se na Lisboa finissecular duas formas de prostituição: uma legal e outra clandestina. Ambas podem ser entendidas como condenação imposta à mulher pela ordem masculina. Esta concepção renovadora contrasta com a rejeição de que a prostituta é vítima. Os apetites sexuais pujantes desta mulher resumem-se no despertar do fisiológico contra a moralização do prazer. Afrontando a sociedade e atropelando o dever, Alda afirma o direito à igualdade entre homem e mulher, *condição sine qua non* para a realização do programa social professado pelo Partido republicano de que Abel Botelho era aderente. Além disso, há uma oposição entre mulher livre e mulher submissa, ou seja, entre corpo nu e corpo velado. Tudo isso é para mostrar a evolução do tecido social lisboeta.

#### 4. CONCLUSÃO

Em *Patologia Social*, a descrição de ambientes lisboetas vividos pelas personagens revela a preocupação de Abel Botelho em evidenciar algumas das características mais flagrantes da sociedade portuguesa do final do século XIX. Cenas descritivas inundam os cinco romances em estudo e deixar ver rudes análises das estruturas aristocráticas e burguesas em decadência. As saídas nocturnas pelo Rossio da aristocrata Elvira e do burguês Mário, personagens respectivas de *O Barão de Lavos* e *O Livro de Alda*, mostram neles conflitos entre necessidades fisiológicas e exigências morais.

No entanto, outros sítios de Lisboa estão associados ao vento de mutações económicas, sociais e políticas, impulsionadas pelo desenvolvimento industrial e urbano. Em *Amanhã*, a marcha dos operários liderados pelo contramestre Mateus tem lugar na Avenida. Esta se torna um centro de afirmação política das classes de sujeição que lutam por um sistema capaz de lhes garantir justiça no trabalho. À marcha dos operários pode-se acrescentar a onda de protestos que invadiu as grandes artérias de Lisboa em *Próspero Fortuna*. A multidão colérica nutrida por ideias republicanas libertárias contesta a governação e a administração do regime monárquico.

Em suma, nas descrições de Lisboa, há a insistência nos aspectos decadentistas (animação histórica, luzes inquietantes, monumentos históricos transfigurados, palacete abandonado e sujo) e nos aspectos renovadores (manifestações sócio-políticas na Avenida, prostituição entendida como liberdade feminina). A nossa autópsia da Lisboa oitocentista revelando aspectos contraditórios estabelece uma relação estreita entre dois campos diferentes, mas inseparáveis: a ficção e a História. Sendo este último campo um conjunto de conhecimentos e factos que confere à ficção de Abel Botelho um enraizamento no espaço lisboeta e um carácter de testemunha das mutações sócio-políticas do Portugal do final do século XIX.

#### CONFLICT OF INTEREST

No potential conflict of interest is reported by the author(s).

#### FUNDING

There is no financial assistance in studies from external parties.

#### ACKNOWLEDGEMENT

N/A



## REFERÊNCIAS

- Almeida, F. (1994). *Lisboa galante. Episódios e aspectos da cidade*. Vega.
- Barthes, R. (1977). *Poétique du récit*. Editions du Seuil.
- Botelho, A. (1979). *O Barão de Lavos. Obras de Abel Botelho* (Vol. I). Lello e Irmãos Editores.
- Botelho, A. (1927). *O Livro de Alda*. Livraria Chardron de Lello e Irmão.
- Botelho, A. (1979). *Amanhã. Obras de Abel Botelho* (Vol. III). Lello e Irmãos Editores.
- Botelho, A. (1979). *Fatal dilema. Obras de Abel Botelho* (Vol. IV). Lello e Irmãos Editores.
- Botelho, A. (1979). *Próspero Fortuna. Obras de Abel Botelho* (Vol. V). Lello e Irmãos Editores.
- Ferreira, C. S. (2003). *Avenida da Liberdade em Lisboa. Contributos para a sua salvaguarda enquanto património da cidade*. Universidade de Évora.
- Greimas, A. J. (1966). *Sémantique structurale*. Ducrot.
- Marques, A. O. (1986). *História de Portugal*. (3ª edição). Palas Editores.
- Sampaio, A. F. (1931). *Abel Botelho: a sua vida e a sua obra*. Imprensa do Diário de Notícias.

---

## AUTHOR

**El Hadji Omar Thiam**, Senegalese, PhD from the French University of Paris III Sorbonne Nouvelle in 19th century Portuguese Literature His doctoral thesis deals with the naturalist novel by Abel Botelho and his portrayal of the female condition. Since 2009, he has been teaching Portuguese language and literature at the Portuguese section of the Faculty of Arts and Humanities of the Cheikh Anta Diop University in Dakar, Senegal.